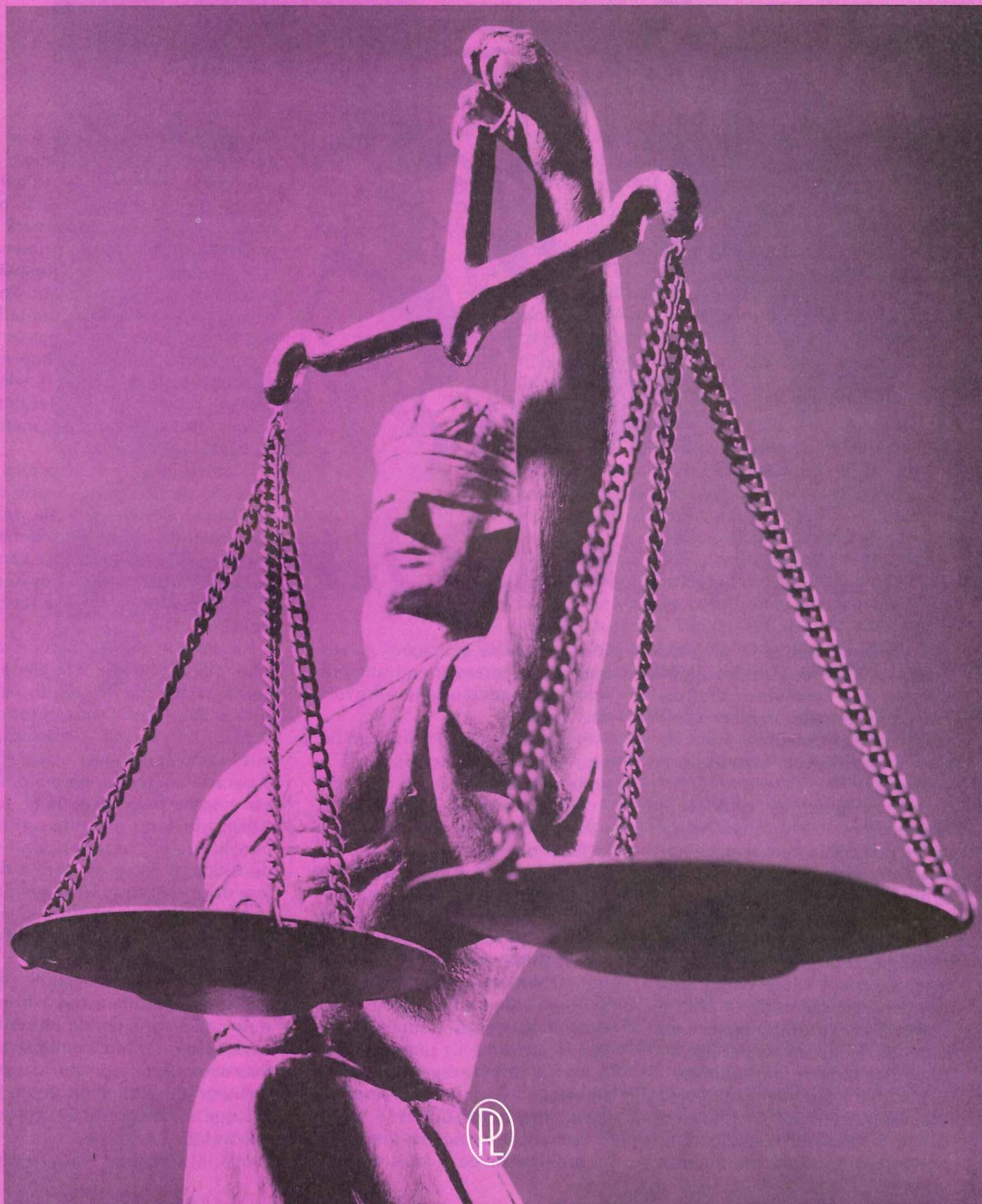
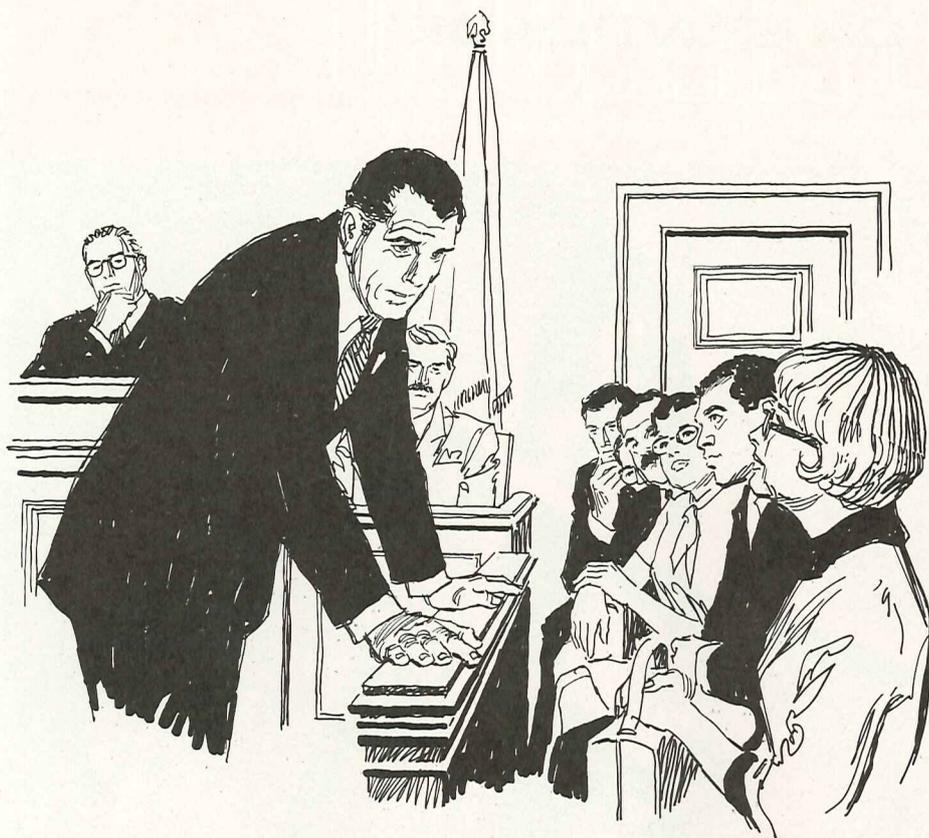


O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE JULHO DE 1978





ADVOGADOS

A profissão tem sido alvo de muita controvérsia. Uns, consideram-na mal necessário. Outros, como um pensador moderno, definem advogados como "homens que alugam as suas palavras e a sua fúria".

Esse "aluguer" é caro. Tem arruinado muitas fortunas. A "fúria" é tida como nem sempre honesta. A defesa de criminosos profissionais em termos e calor que os fazem parecer anjos de inocência, tem trazido certo descrédito e suspeita a uma profissão que contou e ainda conta com homens e mulheres de carácter e convicções firmes, intelectuais que não se deixam vender por dinheiro ou sede de fama pública.

Você tem um advogado? Se a sua resposta é "não", pois se considera a salvo de complicações, pondere um facto importante:

você é alvo de acusações graves que, se não forem energeticamente refutadas, poderão causar-lhe ruína.

O acusador é o pior inimigo da raça humana. Ele trabalha dia e noite pela destruição do carácter. A Bíblia diz que é inimigo das nossas almas. É chamado *leão*, pela fúria dos seus ataques e pelo bramido das suas ameaças. É ele que gera contendas e levanta suspeitas. É ele que separa cônjuges e fragmenta lares. Fomenta guerras e a inimizade dos povos. É ele que acabrunha a existência com as suas constantes denúncias quanto às nossas fraquezas. Fazendo incidir a luz pública sobre os nossos erros, exagera-os e multiplica-os ao ponto de desesperar e humilhar os incautos.

Este super-acusador enfrentou o próprio Cristo e quis frustrar

Seu plano redentor. Você sabe a quem me refiro. Ele é o Diabo.

O nosso mundo, que até bem pouco parecia não acreditar na sua existência, despertou para a realidade da sua actuação universal. Um vasto inquérito à opinião pública revelou que o Diabo deixou de ser um mito sustentado por fanáticos, para se tornar uma presença perturbadora. Impressionados, acharam alguns que lhe deviam prestar culto e levantar preces em ambientes saturados de confusão espiritual.

É, então, que reconhecemos a necessidade de um Advogado de confiança. Perante aquele que nos pretende acusar e condenar, urge ter Alguém que seja campeão da Verdade e que nos isente de crimes puníveis pela Lei de Deus.

Na sua primeira carta universal, João, o apóstolo, diz: "Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo" (I João 2:1). Este é o Advogado que, ao invés de negar ou ocultar o pecado cometido, repara o dano e sofre pelo acusado. É um Advogado justo, perante um tribunal justo. Em vez de nos privar de todos os recursos, para a defesa da nossa causa, Ele é que deu todos os Seus recursos—a vida—para nos salvar de uma condenação eterna.

"Temos um advogado": Alguém que levanta a nossa fronte e nos dá a coragem de enfrentar a vida, não como condenáveis, mas como pessoas absolvidas por Deus, graças à intervenção de Jesus que tomou sobre Si as nossas culpas. □

—Jorge de Barros

trada de dois sentidos ou um cruzamento, uma estrutura multi-facetada.

Algumas escolhas são pequenas. Podem requerer apenas um segundo e ter consequências diminutas. Mas muitas escolhas são grandes. Causam enorme diferença. Afectam vidas. Para maior dificuldade, elas podem ser feitas num momento e as suas consequências durarem toda a vida. Por exemplo, a decisão de casar é feita num tempo limitado; a cerimónia dura 30 minutos; mas os resultados prolongam-se.

As decisões passadas vêm-se na arquitectura, rodovias, veículos, viagens, famílias, governo, e são avaliadas pela história. Muitas escolhas têm dimensões morais. As consequências morais fazem parte das decisões e não podem ser anuladas por quem escolhe. Um exemplo importante é a afirmação da Bíblia: "Tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gálatas 6:7). Esta verdade é verificada diariamente por toda a terra.

Logo no princípio da Bíblia encontramos escolha e decisão, quando o homem no Éden escolheu e perdeu o melhor de tudo. O pecado foi uma escolha do homem. Fez parte da sua decisão. O homem não podia escolher o que escolheu e permanecer no jardim, ter vida espiritual e comunhão com Deus. Não podia, então, e não pode agora.

Josué atribuiu às nações responsabilidade quando apelou para Israel: "Escolhei hoje a quem sirvais" (24:15). Nessa hora inesquecível o futuro de Israel ficou decidido.

Quais as tuas decisões actuais? Elas são importantes. Afectam-te a ti, a tua família, os teus amigos, a tua igreja e a tua vida. Se és pai, então por algum tempo, terás de decidir quanto aos teus filhos. Que estão eles lendo, vendo, fazendo? Essas actividades constituirão em breve a base das suas grandes decisões. Deixas que a escola, a televisão e a biblioteca alimentem a sua mente sem a tua supervisão? Se assim é, procuras ignorar a tua responsabilidade—fraca decisão.

A nossa igreja acertadamente colocou sobre os ombros das nossas famílias as decisões quanto a leituras, televisão, etc. Há sempre uma possibilidade para o mal, pronta a destruir as mentes e as almas—precisamente atrás daquele botão. Há também possibilidade de receber informação e de se verem muitas coisas que não são prejudiciais. O botão—esse é o elemento crucial na decisão. Esse e a tua consciência cristã.

Deus deu-nos o dia do Senhor, o que uma vez por semana torna-se uma escolha ou decisão para nós. Até Cristo é uma escolha. "Vinde a mim", chamou. A Bíblia coloca a grande decisão à nossa frente. Nenhum homem pode escapar à sua tremenda responsabilidade.

Tudo isto soa terrivelmente complicado e, talvez, assustador. Mas a Palavra de Deus torna-o simples. Oferece-nos escolhas grandes e essenciais. Se as fizeres acertadamente, a vida transformar-se-á num caminho ordenado e numa viagem agradável, ao nos dirigirmos para a eternidade, consequência natural desta vida. Sabemos que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam e servem o Senhor. □



ESCOLHAS: DECISÕES

—V. H. Lewis
Superintendente Geral

Continuamente fazemos decisões. Sempre que escolhemos, decidimos.

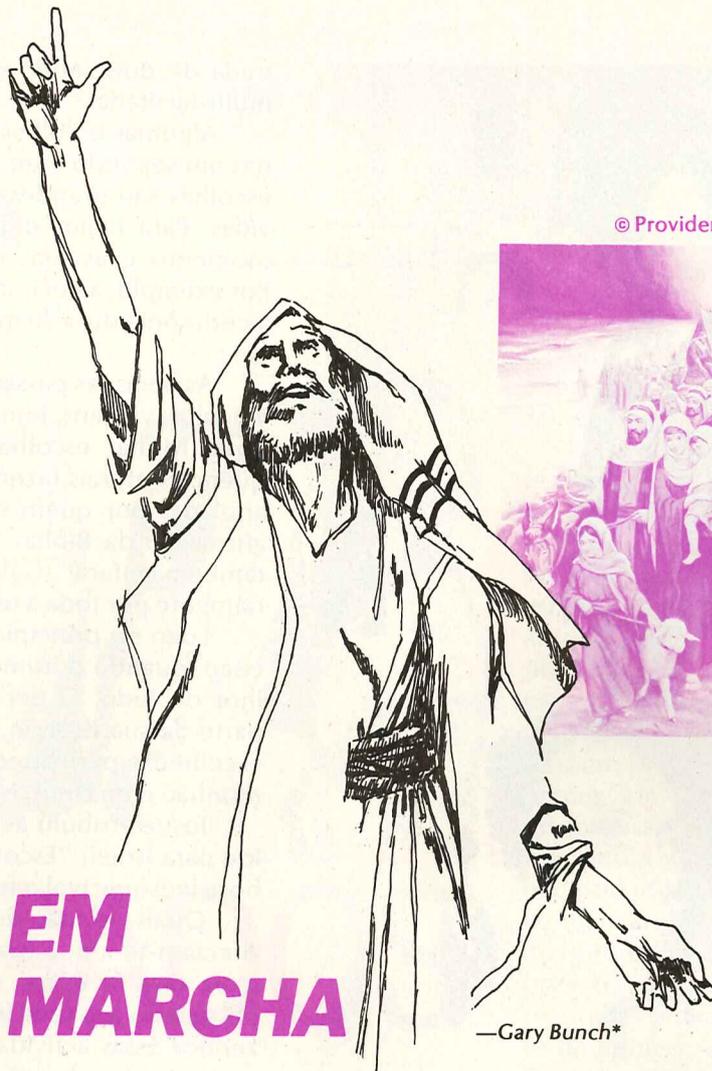
Não há maneira de escapar a esta responsabilidade da vida. Escolha é uma palavra de várias dimensões. Ao escolher isto, decides rejeitar aquilo. É uma es-

Os filhos de Israel eram escravos numa terra alheia. Os egípcios forçavam-nos a trabalhar: velhos e jovens, fortes e fracos. Então Deus interveio e libertou-os. Nomeou Moisés para ser seu chefe e tirá-los do Egito, conduzindo-os à liberdade.

Ainda não tinham andado muito, quando pararam por causa do Mar Vermelho. Não possuíam qualquer barco, era impossível atravessar o mar a nado e não tinham tempo para o contornar. Faraó perseguiu-os. Que fizeram então? O que muitos de nós faríamos e ainda hoje fazemos: começaram a queixar-se. Disseram: "Olha, Moisés, afinal qual é a tua ideia? Não tínhamos nós cemitérios no Egito, por isso trouxeste-nos para morrermos no deserto? É isso? Mas lembra-te que te pedimos para nos deixar servir aos egípcios. Seria muito melhor ficarmos lá do que virmos morrer aqui neste deserto abandonado por Deus".

Mas fora de facto aquele deserto abandonado por Deus? Existirá algum lugar abandonado por Deus?

Moisés tentou resolver o dilema. Disse: "Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará" (Êxodo 14:13). Mas Deus tinha outros planos. Disse a Moisés: "Por que clamas a mim? dize aos filhos de Israel que marchem" (Êxodo 14:15). O povo estava ali nada fazendo senão queixar-se, cheio de medo. Deus disse-lhes que deixassem de olhar para trás, para os



© Providence Lithograph Co.

—Gary Bunch*

EM MARCHA

egípcios, e que fitassem os olhos n'Ele e marchassem para a frente.

A nossa tentação, muitas vezes, é olhar para trás como os israelitas. Olhamos para trás, vemos as nossas falhas e desanimamos. É então que Deus nos diz: "Deixa de olhar para trás e começa a olhar para cima, para mim". Depois diz: "Não fiques aí a queixar-te e a pensar no passado; esque-

ce o passado e avança para o futuro".

Tomemos a resolução de caminhar para a frente. É no reino espiritual que podemos realizar os mais importantes progressos. Precisamos de olhar para Deus, ganhar novas forças, ser de novo cheios do Seu Espírito e avançar na vida cristã. □

*Lisboa, Portugal

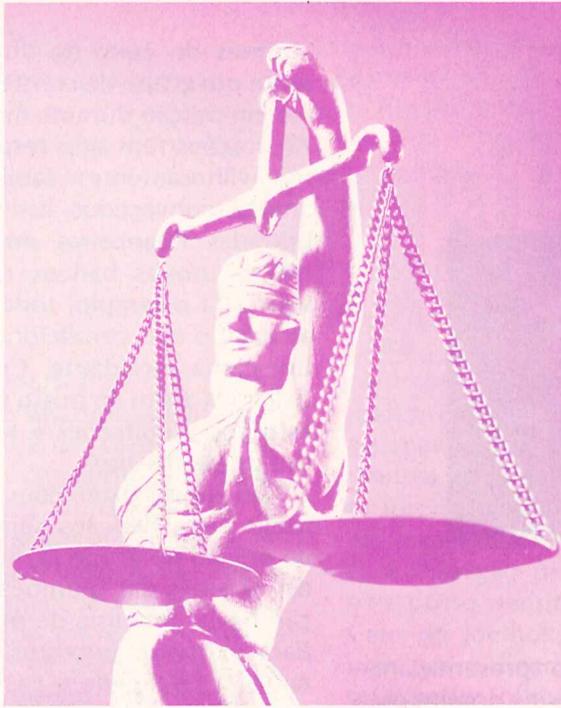
O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
 JORGE DE BARROS, Director
 M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
 DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
 ROLAND MILLER, Artista
 CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 15 de Julho de 1978 Número 14

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



disciplina ou libertinagem?

—H. T. Reza

Quem isto escreve nasceu num povoado que, não fosse o receio de o departamento de recenseamento se ofender, consideraria fora do mapa: apenas 500 habitantes, mais ou menos. Pertencendo a uma família com algumas propriedades, mas sem dinheiro, por questões particulares decidi apartar-me da minha comunidade e estabelecer-me noutra povoação com mais habitantes: três mil.

Foi pela graça de Deus que, pelo contacto com a Igreja do Nazareno, conheci uma nova vida, frequentei a escola e, após passar mais de 15 anos na cidade do México, agora vivo no lugar onde é publicada esta revista.

Estou a escapar pela tangente. O que quero dizer é que, depois de viver confortavelmente por alguns anos, tive oportunidade de voltar à cidade onde antes vivera e que tanto me atraía.

O meu corpo reagiu, os meus gostos sofreram um forte desengano. O meu coração gemia pelas condições a que já me habituara. Mas o desejo de disciplina venceu. Decidi regressar à minha terra natal e aceitar de boa vontade a vida, tal qual se apresentasse: com necessidades, dureza e sofrimento. Resultado? Aprendi a conformar-me com a situação.

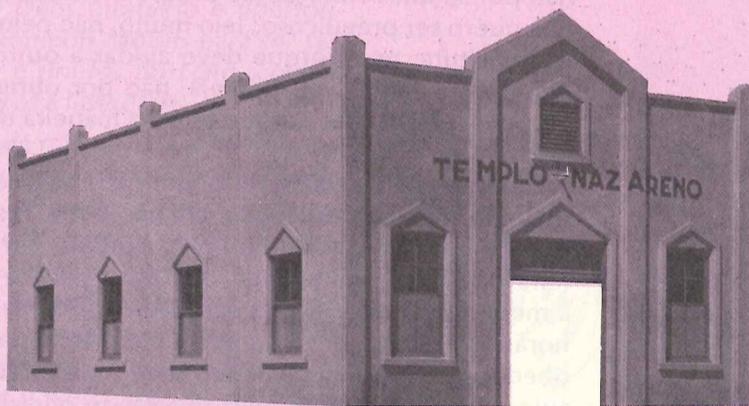
Hoje viajo muito, durmo quase cada noite numa cama diferente, raras vezes como duas refeições na mesma mesa. Mas posso dizer que "aprendi a contentar-me com o que tenho". Levanto-me cedo, não por simples ambição de progredir, mas porque não quero ser preguiçoso; leio muito, não pelo gosto da leitura, mas porque devo ajudar a outros de modo inteligente; vou à igreja, não por obrigação ou por ser bom, mas porque esta é a maneira de me disciplinar.

Isto leva-me a declarar que, por mais que nos revoltamos contra a disciplina, ela não é má. Precisamos de ir para o trabalho ou para a escola, portanto temos de nos levantar cedo; há regras para se estar à mesa, pois cumpri-las-ei para bem dos demais; há horários a obedecer no trabalho e em casa, por isso obedecerei ao relógio. Há leis para tudo: conduzir automóveis, atravessar ruas, registar-se oficialmente, matricular-se na escola, viver em comunidade, comportar-se nas aulas. Todas são regras a que devo obedecer e que me ajudarão a viver e a ser aceite na comunidade.

Em Outubro de 1969 a revista *Newsweek* publicou o retrato do estudante que, no verão de 1968, dirigiu a rebelião na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Com o cabelo desgrenhado, bigode desleixado e roupa em péssimas condições, ocupou a cadeira do então reitor Kirk e, pegando num dos charutos do famoso intelectual, deixou-se fotografar para todo o mundo saber que as coisas iam mudar na universidade. Só que lhe faltava corpo para encher a cadeira, inteligência para ser chefe, disciplina para se saber apresentar e bom gosto para provar superioridade. Para ser um líder de 27 000 jovens intelectuais, eram precisas compostura, inteligência, boa vontade e compreensão. Tudo isto resultado de uma disciplina aturada.

Estaremos errados ao considerar compostura, inteligência e boa vontade condições para se ser reitor de uma universidade? Cairemos, por isso, no tradicional? Bem, e que há de mau no tradicional? Há séculos que as pessoas tomam banho; deixaremos de o fazer por ser tradicional? Os nossos antepassados comiam; deixaremos de comer só por ser tradicional? Não. Precisamos de ter discernimento para saber o que é primário e o que é secundário. Para isso precisamos das nossas melhores faculdades. Senão, cairemos na libertinagem, e a libertinagem é nociva.

É tempo de voltar aos caminhos antigos do bom comportamento, da obediência e da disciplina. Um mundo libertino é um mundo em deterioração; uma pessoa libertina é um carácter que se deita a perder, uma vida destruída. O caminho da vida tem marcos de sinalização. Alguns dizem-nos para onde nos dirigimos, e outros, como lá chegar. É tempo de "correr a carreira que nos foi proposta". □



Durante vários anos eu e a minha esposa temos assistido às assembleias distritais da nossa igreja. A última foi excepcional; os pastores, particularmente os das igrejas pequenas, apresentaram os seus relatórios com optimismo, enchendo-os de histórias de conversões muito interessantes. Talvez por também pertencermos a uma igreja pequena, estes impressionaram-nos vivamente.

Visitámos a nossa igreja pela primeira vez há 18 anos. As cadeiras não eram lá muito confortáveis, o chão tinha um aspecto irregular e a pintura do piano tinha desaparecido quase por completo.

Foi o calor humano daquela igreja que nos conquistou. Recebemos as boas vindas, saudações afectuosas e sorrisos de todos. Sentimo-nos "em casa" e desde esse momento decidimos ficar lá, onde precisavam de nós e onde poderíamos servir ao Senhor.

O facto de pertencer a uma igreja pequena não é de maneira nenhuma aborrecido. O seu desenvolvimento realiza-se em contínua expectativa . . . Chegaríamos as entradas financeiras para pagar o salário do pastor e para a compra do edifício? Conseguiríamos satisfazer totalmente os diferentes orçamentos da igreja?

Os membros não apresentavam roupas novas todos os domingos, mas eram fiéis e pontuais nos dízimos e ofertas. Um casal novo saiu da cidade para iniciar os seus estudos no seminário. Embora tivessem os dois de trabalhar para pagar as suas despesas e a quem cuidasse do seu primogénito, continuavam a enviar os dízimos e ofertas para a nossa igreja. Como esquecer-se duma igreja pequena?

Durante os primeiros anos, em várias ocasiões o pastor teve de emprestar à igreja, do seu salário por si já diminuto, para completar a prestação mensal da propriedade.

Houve alturas em que toda a congregação parecia estar desanimada, mas Deus fez o milagre de nos reanimar. Num domingo de manhã alguém depositou uma nota avultada na oferta regular. Embora o pastor mencionasse que o tesoureiro desejava creditar tão generosa oferta, ninguém respondeu.

Há inúmeras lembranças que me são gratas—aqueles que foram ao altar a chorar de alegria por terem encontrado a salvação . . . casais que levavam crianças para serem dedicadas ao Senhor . . . quando o coro estreou as suas túnicas novas . . .

Antes do culto de domingo à noite um grupo de crentes reunia-se em oração durante meia hora. As orações têm sido respondidas maravilhosamente: familiares e amigos convertidos, assistência e entradas financeiras em crescimento, novos bancos confortáveis para o templo, todo o chão alcatifado e ar condicionado para um clima escaldante. Creio que pagámos assim ao nosso pastor os esforços, limitações e sacrifícios dos primeiros anos.

Não quero dizer com isto que todas estas bênçãos sejam fruto da oração do grupo já mencionado. Já antes das reuniões de oração havia uma lista de promessas para os gastos previstos. No entanto, a fidelidade e persistência na oração e o bom espírito deste grupo contribuiu muito para o êxito da nossa igreja. Sentimo-nos satisfeitos por terem sido chamados ao ministério dois pastores saídos da nossa pequenina igreja.

Cada ano que passa traz novas vitórias, recompensas e um companheirismo sem igual entre os filhos de Deus, o que mantém abertas as portas da igreja.

O Senhor Jesus deu uma mensagem à igreja de Smirna que é própria para todas as igrejas pequenas: "Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza, mas tu és rica" (Apocalipse 2:9). □

uma porta aberta

—Blanche Goode

Ninguém se torna espiritual por cumprir regras. Tão pouco se torna espiritual, por ignorá-las. A santidade de coração e vida não é uma realização humana. É sempre uma dádiva divina. É apenas à medida e na medida em que nos tornamos "co-participantes da natureza divina", que podemos escapar à corrupção das paixões que há no mundo"

(II Pedro 1:4).

legalismo

Há já muitos anos que Francis Schaeffer e sua esposa Edith dirigem na Suíça um centro para jovens. O Dr. Schaeffer recorda-se de uma vez, numa noite de sábado, ter ouvido um grupo de estudantes falar acerca das regras das suas respectivas igrejas.

Todos estavam mais ou menos de acordo: as regras são irrelevantes e deviam ser postas de lado.

Schaeffer diz que inicialmente concordou com o que os jovens diziam. Mas à medida que escutava, "tornou-se claro que o que realmente queriam era poder fazer as coisas proibidas pelos tabus. Desejavam uma vida cristã mais frouxa".

"A espiritualidade verdadeira", diz o Dr. Schaeffer, "não é o desejo de se livrar de tabus a fim de viver uma vida mais fácil e mais folgada. O nosso desejo deve ser uma vida mais profunda."

Por outro lado, cumprir os regulamentos exteriores da vida cristã, também não é, necessariamente, espiritualidade.

"Posso adoptar listas feitas pelo homem", diz Schaeffer, "e parecer mantê-las, mas para isso o

meu coração não tem de se submeter. Mas quando chego ao aspecto interior dos Dez Mandamentos, quando chego ao aspecto interior da Lei do Amor, mesmo que eu não esteja muito atento à direcção do Espírito Santo, não posso sentir-me orgulhoso. Caio de joelhos. Nesta vida, jamais posso dizer: "Cheguei; está terminado; olhe para mim—sou santo."

Há hoje na Igreja uma reacção saudável contra o mero legalismo. É bom quando reconhecemos que, embora o homem olhe para a aparência exterior, Deus olha para o coração.

O pior tipo de legalismo é esconder-se atrás da letra da lei para escapar às exigências do seu espírito. Refugia-se na lei, contra as reivindicações ilimitadas da Graça.

O legalismo permite o orgulho espiritual. Como diz Schaeffer, o ser humano pode até manter com um coração rebelde as 618 regras dos fariseus. É em face da lei sem limites do amor que o coração se humilha e nos damos conta da verdadeira medida da graça divina.

Duas passagens escritas pelo apóstolo Paulo ilustram esta verdade com clareza surpreendente.

Vendo a sua vida em retrospectiva ao escrever Filipenses 3, Paulo podia dizer com honestidade que "quanto à justiça que há na lei", ele tinha sido "irrepreensível" (v. 6). Não era assim tão difícil ser um fariseu.

Foi somente quando ele experimentou o verdadeiro aspecto interior da lei, reclamando domínio sobre o desejo, que se prostrou de joelhos e exclamou: "Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?" (Romanos 7:24).

A resposta aos problemas que se relacionam com o cumprimento de regras é um esforço maior e uma disciplina mais rígida. A resposta aos problemas que dizem respeito à espiritualidade é "o Espírito de vida em Cristo Jesus", que nos livra "da lei do pecado e da morte" (Romanos 8:2).

A verdadeira espiritualidade não é licenciosidade. "A justiça da lei" é "cumprida em nós que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Romanos 8:4). A verdadeira espiritualidade afecta a qualidade da vida, não por controles exteriores, mas por dinamismo interior.

Ninguém se torna espiritual por cumprir regras. Tão pouco se torna espiritual por ignorá-las. A santidade de coração e vida não é uma realização humana. É sempre uma dádiva divina. É apenas à medida e na medida em que nos tornamos "co-participantes da natureza divina", que podemos escapar à "corrupção das paixões que há no mundo" (II Pedro 1:4).

A resposta às questões de ética cristã é nem o legalismo nem a licenciosidade, mas sim o desenvolvimento constante do fruto do Espírito: "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei" (Gálatas 5:22-23). □

e espiritualidade verdadeira

—W. T. Purkiser

O mínimo irreductível de qualquer doutrina de santidade que seja verdadeiramente cristã, é o objectivo definido e consciente de obedecer a Deus. Tal desígnio submeter-se-á à revelação da vontade divina, a qual é expressa na lei de Deus. Esta lei estabelece a estrutura básica da santidade; portanto, qualquer que deseje ser santo procurará cumprir a lei. É como "filhos obedientes" que devemos almejar a santidade em toda a nossa "maneira de viver" (I Pedro 1:14-15).

A ignorância dos requisitos da lei pode originar uma espécie de lacuna ética; mas esta será progressivamente preenchida, pois um desejo autêntico de obedecer a Deus não pode contentar-se com desconhecer a Sua vontade.

Assim como a lei de Deus determina a estrutura do comportamento ético, o amor assegurará a sua realização na prática. É ele que impulsiona à santidade, enquanto que a lei determina o seu conteúdo.

O amor deseja a honra de Deus e o bem do próximo. Tal anelo não pode, de modo algum, fazer mal. É isto que o capacita a tornar-se "o cumprimento da lei" (Romanos 13:10).

O amor cumpre a lei em dois aspectos. Em primeiro lugar, cumpre o espírito da lei em vez da simples letra. Deseja que a integridade, que é o objectivo final da lei, seja plenamente alcançada e não subvertida por evasivas ou subtilezas. A intenção do amor é a mesma que a intenção da lei, ou seja, justiça.

Em segundo lugar, o amor cumpre a lei por exceder a sua letra. Há nele uma generosidade e magnanimidade que transcendem o dever mínimo. O amor sente alegria na realização das exigências da lei; porque, se esta é a direcção em que reside a felicidade e o bem-estar do próximo, esta é a que o amor *deseja*.

Torna-se claro, portanto, que a *legalidade*, em si mesma, pode fi-

car muito aquém da santidade cristã. É o amor que lhe acrescenta tal dimensão.

Mas, embora o amor cumpra a lei, não a elimina nem dispensa o seu conhecimento. O amor fornece direcção e impulso, mas não instrui. É necessário mais do que um condutor amável para garantir uma viagem agradável através do país. São precisas estradas, regras de trânsito, mapas, sinais e, até, talvez, polícias. Embora o amor não faça mal ao próximo intencionalmente, nem sempre sabe o que lhe poderá fazer mal.

Actualmente há muitas pessoas que se têm afastado da ética judeo-cristã e insistem que o sexo extra-matrimonial entre adultos que concordam (incluindo os respectivos esposos) é inofensivo. A nossa discordância não deriva simplesmente dum amor superior que afirmamos possuir, mas do condicionamento dos nossos juízos morais pela lei divina. Cremos que a promiscuidade causa dano ao próximo. Mas foi a lei de Deus que no-lo ensinou, não o amor. O papel deste é levar-nos a observar prontamente as noções éticas e padrões que derivam da nossa herança judeo-cristã.

A lei divina torna-se portanto, essencial, pois prescreve o tipo de conduta que é inerentemente correcta — cujo conhecimento agora não possuímos nem podemos adquirir sem a revelação divina. Esta "rectidão inerente" pode ser definida como o equilíbrio entre os requisitos apresentados por Deus, o Criador, e as necessidades do homem, a criatura. Neste equilíbrio não pode haver falta de equidade para com o homem nem desonra para Deus.

N'Ele, esta rectidão inerente é apreendida intuitivamente e sem falha. Mas como não possuímos esta característica, o Senhor tem de nos dar directrizes e regras (lei), bem como a direcção do

a lei e o amor



Espírito para as aplicar à situação concreta.

Não pode haver conflito intrínseco entre o amor e o que é correcto — portanto, entre o amor e a lei. Contudo, há um conflito real quando entra o pecado. Este exige julgamento, porque é intrinsecamente correcto que a desobediência traga consequências penosas, tanto judiciais como naturais. O reverso da medalha é que é intrinsecamente correcto (isto é, compatível com a santidade) que Deus reaja contra o pecador. No entanto, é também justo que o amor procure salvar o pecador.

É através da expiação que o amor e o julgamento podem obter o seu objectivo e resolver o



Fletcher, simplesmente declarando que a acção ditada pelo amor é a acção certa, é pragmaticamente desastroso por causa do astigmatismo moral da nossa finitude, agravado pela depravação. Somos criaturas com emoções e sentimentos, e tendemos a confundir amor com permissividade. O acto mais generoso pode ser precisamente o contrário das nossas compulsões emocionais.

Portanto,

como cristãos, devemos amar de acordo com princípios e não sentimentos. Sendo esses fundamentais no amor de Deus, também devem sê-lo no nosso amor.

Por este motivo, a pregação do amor a partir do púlpito nunca deve estar separada da pregação da lei. A revelação divina é a única directriz segura para determinar qual a acção mais generosa. Só quando o amor tem em si o ferro da lei estaremos aptos a amar de acordo com princípios. Então, amaremos as pessoas da maneira como Deus quer, o que pode ser diferente da maneira como elas querem ser amadas. O amor "vertical" deve controlar o amor "horizontal".

Por "lei" não queremos dizer "regras" somente, mas revelação total da vontade de Deus. Esta encontra-se não só nos mandamentos e proclamações proféticas registados na Bíblia, mas supremamente em Jesus Cristo.

No Senhor, vemos uma santidade que é completamente sujeita à lei de Deus e, ao mesmo tempo, individualmente livre e autêntica. N'Ele assistimos à perfeita união de ser e fazer, do carácter e comportamento, de princípios fixos equilibrados por compaixão, tal como Deus deseja ver em nós.

A Lei reveste-se de carne e sangue quando lemos que Cristo foi o nosso Padrão, "o qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano; o qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente" (I Pedro 2:22-23).

A santidade, em que o amor é moldado por princípios, torna-se concreta também quando observamos como Jesus Se relacionava com o homem no dia-a-dia. A sua santidade não se manifestava em isolamento social, mas em pureza. Quão perfeitamente exemplificou a religião pura descrita por Tiago, a qual se "guarda da corrupção do mundo" e, contudo, "visita os órfãos e as viúvas nas suas tribulações" (Tiago 1:27). No meio de corrupção avassaladora, Jesus permaneceu imaculado. E, embora devotado à oração, envolveu-Se profundamente na vida de outras pessoas.

Além disso, a virtude que d'Ele emanava não era sentimental, mas cheia de discernimento — perdão ao penitente, mas repreensão ao hipócrita. O amor de Cristo nunca era impetuoso ou anémico, como o tipo de amor abstracto que vê os homens como se fossem todos igualmente bons. Aos Seus olhos, as diferenças de carácter eram bem reais e tinham importância. O Seu amor nunca passou por alto ou minimizou o pecado. Ele viu, sem ilusões, o que as pessoas eram, mas também o que podiam ser.

A perfeita vontade de Deus revelada em Cristo não é uma simplificação das exigências da lei moral escrita. Mas em Cristo vemos cumpridos esses requisitos, com o tipo de amor que transforma a lei em liberdade. Para Jesus, a lei de Deus não era uma camisa de forças, mas um meio de amar. A longo prazo, qualquer outro tipo de amor destrói tanto o que ama como o que é amado. □

*Professor Emérito do Seminário Nazareno em Kansas City

conflito que entre eles se levanta. Neste sentido, pode-se dizer com justiça e com verdade que "a misericórdia triunfa do juízo" (Tiago 2:13).

Contudo, a misericórdia não coloca de lado o julgamento. Ela tem-no cumprido, aparando os seus golpes. Portanto, embora se trate do triunfo do amor, não é um triunfo à custa do julgamento. Assim, Deus pode continuar a ser "justo", mesmo sendo o "justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:26).

Mas enquanto que na ordem eterna das coisas (como reafirmação na expiação), o amor e a justiça se encontram de acordo, a vida na terra tende a separá-los. Reuni-los, como pretende Joseph

OS PONTOS BONS DA IGREJA

—John Good

Alguém disse oportunamente que “a igreja pode ter muitos pecados e, no entanto, viver. Mas o pecado que a mata é o de preferir o irreal ao real”. É certo. Esta doença é a que mata a igreja. Jesus disse: “Deus é Espírito e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (João 4:24). A verdade aqui significa “o que é real”.

A igreja nem sempre tem estado interessada no que é real. Tem havido períodos nos quais homens carnis usaram a religião para encobrir cobiça, hipocrisia, preconceitos e trivialidades.

Mas encontrei na igreja algo muito real, genuíno, vibrante e vivo—algo que o Espírito Santo tem trazido à vida dos homens. Sobre isto quero escrever.

Primeiro, o Evangelho

O que procura a gente nos nossos dias? Acredita em algo? A nossa sociedade perdeu o caminho. Não sabemos como resolver os problemas do mundo.

O apóstolo Paulo escreveu aos

seus amigos de Roma — centro mundial do governo, comércio, educação e cultura: “Não me envergonho do evangelho” (Romanos 1:16). O evangelho nunca foi para mim motivo de vergonha. Estou certo do seu poder de salvar todos que têm fé em Deus. Estamos a procurar a maior dimensão da vida e Deus no-la está a oferecer na pessoa de Jesus Cristo—a Pessoa mais real que tem existido. Recebemo-LO como Salvador e Senhor, caminhamos com Ele através da Sua Palavra, falamos com Ele em oração e vivemos n’Ele. É pura realidade! A igreja compõe-se de pessoas consagradas a Cristo, que acabam por descobrir que o Espírito as ajuda diariamente.

Depois o Amor

Uma equipa de futebol acabava de ganhar o campeonato mundial. Alguém perguntou ao capitão onde estava o segredo. Respondeu: “Bom, simplesmente nos amamos uns aos outros”.

O amor engrandece qualquer equipa — especialmente a uma igreja. Jesus disse aos Seus discípulos que se amassem uns aos outros como Ele os tinha amado (João 13:34-35). Dizia-se dos primeiros cristãos: “Vede como se amam!” Amavam-se no espírito de Cristo.

E a Comunhão

João escreveu: “O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo. Estas coisas vos escrevemos, para que o vosso gozo se cumpra” (I João 1:3-4).

A comunhão na Igreja Primitiva era tão franca, sincera, livre e alegre que muitas pessoas observando os cristãos creram que estavam embriagados. Há algumas frases no Novo Testamento que mostram a qualidade do seu companheirismo: “membros uns dos outros”, “submetei-vos uns aos outros”, “a mútua edificação”, “levai as cargas uns dos outros”, “suportando-vos com paciência uns aos outros”, “orai uns pelos outros”, “sede benignos uns com os outros”.

Fiquei triste quando soube que

um estudante meu amigo tinha deixado a igreja sem ter experimentado tal comunhão. Na igreja de Jesus Cristo é oferecida ao homem uma comunhão afectuosa, franca e sincera, onde todos se amam por causa de Cristo e apesar de pecados e fraquezas.

Finalmente o Serviço

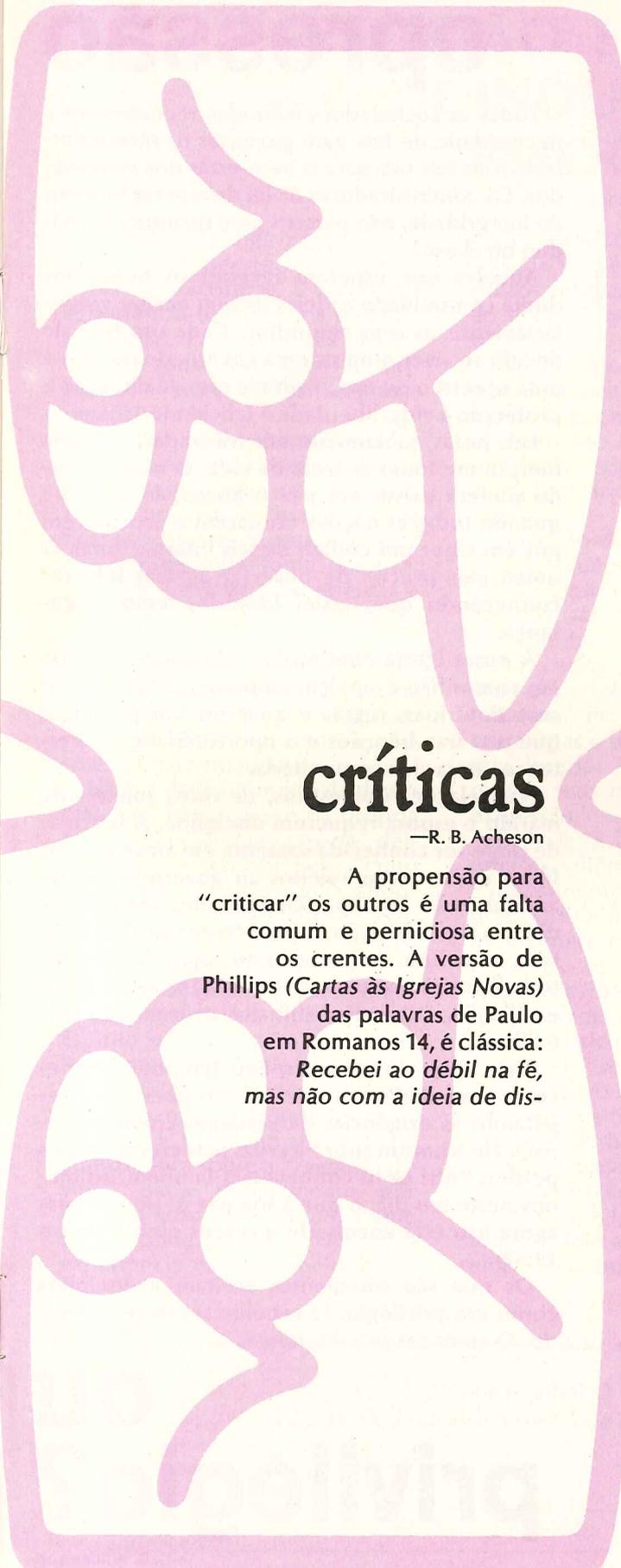
Um missionário recém-chegado à China perguntou a uma criança se tinha ouvido falar do evangelho. Tratava-se de uma órfã criada na missão. Respondeu: “Não, mas vi-o”. Mais que ouvir o evangelho, desejamos vê-lo. Desejamos que se expresse nas nossas vidas.

Recentemente li dum pastor que fez o seguinte. Grassava uma epidemia de febre tifóide na cidade e ainda não estava instalado o sistema de esgotos. Morreram quatro pessoas. Todos falaram do assunto mas nada fizeram. Na mesma ocasião os responsáveis pela cidade aprovaram uma grande verba para construir uma estrada que apenas beneficiaria um homem influente na comunidade. O ministro não pôde ficar calado. Chamou os vereadores da cidade e pediu-lhes que mandassem dois representantes à igreja no próximo domingo.

No domingo de manhã, pôs de lado o sermão que tinha preparado e abriu a Bíblia para provar que Deus se interessava pelo bem-estar das pessoas e que desejava que tivessem boa água para beber tanto como a que assistissem à reunião de oração. Os homens envergonharam-se e queriam sair imediatamente para parar com a nova estrada que estavam a construir.

Depois do culto todos agradeceram ao pastor por ter falado por eles e por Cristo. Na manhã seguinte a cidade deu dinheiro para os respectivos trabalhos de drenagem, e a epidemia terminou. Durante as semanas seguintes mais de 75 pessoas se converteram afirmando que tinham interesse na igreja e em Jesus Cristo, porque estavam interessados em conseguir boa água para o povo.

A Igreja de Jesus Cristo é real! Faça- a real onde quer que se encontre. □



críticas

—R. B. Acheson

A propensão para "criticar" os outros é uma falta comum e perniciososa entre os crentes. A versão de Phillips (*Cartas às Igrejas Novas*) das palavras de Paulo em Romanos 14, é clássica: *Recebei ao débil na fé, mas não com a ideia de dis-*

cutir os seus escrúpulos. Uns pensam que podem comer de tudo, outros, porém, sem esta firme convicção são simplesmente vegetarianos. O que come carne não deve desprezar o vegetariano, nem este condenar aquele, pensando que Deus a ambos aceitou. De resto, quem és tu que assim censuras o servo de alguém, especialmente quando esse alguém é de Deus?

.....
Há quem pense que uns dias têm maior importância que outros, a par de quem os considera todos iguais. Sejam, pelo menos, bem definidas essas convicções. A verdade é que ninguém vive ou morre para si próprio ...

.....
Por que criticar então as acções do nosso próximo? Por que desprezá-lo tanto? Seremos julgados um dia, não segundo as normas nossas ou do nosso próximo, mas sim segundo as normas de Cristo.

.....
É a Deus somente que temos de responder pelas nossas acções. Acabemos com a crítica aos nossos irmãos. Ou então façamos a crítica ao nosso próprio procedimento, e não dificultemos a vida do nosso semelhante, pondo-lhe obstáculos no caminho onde possa tropeçar e cair.

.....
*Julgar um irmão é observá-lo com olhos de crítica, medi-lo pela *minha* bitola, dizer que está "errado" quando não segue o *meu* padrão. Têm sido muitas as vítimas de semelhante tratamento. O apóstolo Paulo caiu em desagrado na igreja de Corinto, por não se poder adaptar ao seu padrão. Também o próprio Jesus foi julgado pelos judeus e encontrado em falta!*

.....
Este erro, bastante comum entre as pessoas religiosas, é uma tentação especial entre os crentes que professam a santidade. Os princípios éticos da salvação significam muito para nós. Isto é bom, mas precisamos de vigiar as nossas atitudes, a fim de não nos tornarmos juizes dos outros. Um espírito de crítica é desumano e cria divisões desnecessárias entre pessoas cujo amor a Deus deveria ser um elemento de união.

.....
A mania de censurar não só divide os crentes, mas também prejudica aquele que a pratica. O orgulho espiritual, a falta de amor, a suspeita, a calúnia e outros hábitos não cristãos formam uma aliança que afundará a alma.

.....
O novo convertido é particularmente vulnerável neste campo. É tão diferente do que costumava ser; é tão zeloso no novo caminho. No desejo de conquistar o mundo para Cristo, chega a suspeitar daqueles que não vêem as coisas como ele.

.....
À maior parte de nós são necessários anos de companheirismo com Deus, crescimento na graça e absorção da verdade bíblica, para amadurecermos suficientemente e podermos ter um espírito de compreensão.

.....
*É impossível viver como "compartimentos estanques". Eu formo o meu próprio mundo, *comigo* no centro. Analiso a vida através da lente do meu próprio ponto de vista: de acordo com o *meu* conhecimento*

e treino, as *minhas* experiências e preconceitos, as *minhas* simpatias e antipatias. Vivo confortavelmente no meu pequeno mundo—desde que os que me rodeiam concordem comigo.

Mas eu choco com os outros! Também *tu* vives no teu campo isolado, encerrado no teu ponto de vista. Para que eu e *tu* vivamos em harmonia, um de nós tem de mudar, ou então devemos aprender a viver juntos apesar das nossas diferenças. “O amor que nos une deve ser mais forte que as divergências que nos separam” —é o segredo duma vida harmoniosa quer na amizade, no casamento ou na comunidade da igreja.

Um mundo que se torna cada vez mais pequeno revela que os cristãos, diferentes uns dos outros em muitos campos, ainda podem ter uma fé comum e amor por Cristo. Por exemplo, os nazarenos podem encontrar outros nazarenos que concordem no essencial, mas não no secundário.

Posso julgar falsamente o meu irmão, quando o acuso de não andar na luz. Qual será a luz a que me refiro, a dele ou a minha? E, afinal, o que é a luz? Será algo luz só porque eu digo que é, ou será o “derramar luz” uma prerrogativa do Espírito Santo?

Nós nunca temos conhecimento suficiente para julgar o próximo. Só Deus sabe tudo. Paulo disse: “Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós . . . pois, quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações” (I Coríntios 4: 3-5).

Realmente não temos capacidade para julgar quem quer que seja. Quanto mais depressa aprendermos isto, melhor é para nós e para os que nós rodeiam. Feliz é o cristão que reconhece quanto antes que também ele tem muitas faltas, em vez de criticar as dos irmãos. Quem tem telhados de vidro nunca deve atirar pedras.

Jesus dispersou a multidão dos acusadores farisaicos com a simples declaração: “Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela” (João 8:7). Tinham apanhado a mulher em flagrante, mas Jesus também apontou para cada um deles. “Acabemos com a crítica aos nossos irmãos. Ou então façamos a crítica ao nosso próprio procedimento, e não dificultemos a vida do nosso semelhante, pondo-lhe obstáculos no caminho onde possa tropeçar e cair”. Isto alivia-nos um pouco. Nós não somos, na verdade, responsáveis por aquilo que os outros fazem.

Deus não nos comissionou como cães de guarda para conduzir os outros. Se guardamos o nosso comportamento e fizemos tudo que pudermos para encorajar o próximo, podemos deixar o resto com Deus.

Aprender esta verdade é uma boa ajuda para viver santamente. Ajudar-nos-á a fugir do farisaísmo. Far-nos-á cultivar uma comunhão pessoal com o Espírito Santo, e reconhecer-Lhe a prerrogativa de dirigir e ensinar os Seus próprios filhos segundo os Seus planos. □

opressão

Todas as sociedades civilizadas reconhecem a necessidade de leis para governar os seus membros. Tais leis são para o bem-estar dos governados. Os administradores da lei devem ser homens de integridade, não parciais para qualquer indivíduo ou classe.

Aqueles que esperam receber os benefícios duma comunidade ordeira devem aceitar voluntariamente os seus requisitos. Cada um terá de decidir se viver num sistema governado por leis é uma opressão ou um privilégio que dá direcção e protecção à vida, liberdade e felicidade.

Leis justas, sabiamente administradas, são uma bênção em todas as áreas da vida. O nosso mundo poderá existir em paz e liberdade somente quando todas as nações aceitarem e procurarem pôr em vigor um código de leis internacional. O nosso país precisa de observar as suas leis, reconhecendo que, assim fazendo, temos segurança.

A nossa igreja continuará a desfrutar unidade em comunhão e serviço, enquanto acharmos nas suas doutrinas, regras e governo um privilégio que nos traz bênçãos e a oportunidade de pertencer à sua vida comunitária.

Nas relações domésticas, os votos solenes de marido e esposa requerem disciplina. A felicidade pode ser conhecida somente em amor fiel. Os filhos devem estar sujeitos ao governo da casa, administrado com paciência firme. Terna obediência traz a bênção duma personalidade orientada e madura. Provocação ou sujeição sob protesto transforma-se em resistência, ressentimento e rejeição. O resultado final é tristeza para pais e filhos.

Jesus disse ao povo do Seu tempo: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Rejeitando as exigências da verdade, crucificaram-no. Ele triunfou sobre a cruz, mas eles ficaram a perder. “Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! mas agora isto está encoberto aos teus olhos” (Lucas 19:42).

Os que são obedientes aceitam a disciplina como um privilégio. O rebelde sente-se oprimido. O amor causa a diferença. □

ou privilégio?

—G. B. Williamson
Superintendente Geral Emérito

RELIGIÃO EXPERIMENTAL E INDULGÊNCIA EMOCIONAL

—John A. Knight

João Wesley julgava a ortodoxia das afirmações teológicas por meio das Escrituras, a razão e a experiência (incluindo a tradição da igreja). Por estes três termos avaliava todas as posições doutrinárias e experiências religiosas pessoais.

Dos três, o que apresenta maior dificuldade, actualmente, é o da experiência religiosa. O vazio criado no espírito humano pela nossa sociedade impessoal, com a sua consequente fome emotiva, leva-nos a exaltar a experiência e a separá-la de outros aspectos da situação e natureza humanas.

Há um conhecimento de Deus experimental e para além do sentimento mental ou afirmação catequética. A fé salvadora é pessoal, íntima e imediata.

Não se deve ter medo de dizer: "Eu sei", baseando-se na própria experiência. Muitas pessoas deixaram-se influenciar pelo "culto moderno da incerteza", adoptando como lema a frase: "Não sei", que consideram como sinal de distinção e sabedoria.

A convicção pessoal é elemento fundamental da vida cristã. O Espírito Santo dá ao homem a certeza interior de que é filho de Deus. Este conhecimento é o cerne da religião experimental.

O Dr. J. B. Chapman escreveu amplamente sobre a "resposta divina" dada directamente por Deus ao homem penitente, e que só este pode distinguir. Disse: "A experiência cristã é por necessi-

dade um assunto rigorosamente privado e pessoal; por isso, os nossos antepassados tinham razão ao declarar que é melhor sentir que dizer".

Este testemunho interior produz uma alegria que só se pode exprimir por meio das emoções— as quais são um dom de Deus, um meio legítimo de manifestar as mais profundas convicções religiosas.

"O fruto do Espírito é . . . alegria". Alguém disse que se as graças do Espírito habitam no nosso coração, têm por força de assomar alguma vez à janela.

Em certos sectores religiosos urge um avivamento de santo entusiasmo, de verdadeira alegria cristã. Mas o próprio *facto* da alegria interior é mais importante que os seus *meios* ou *modos* de expressão.

Todavia é a necessidade de uma experiência pessoal, de um conhecimento pessoal de Deus, que abre a porta a um tipo de indulgência emotiva no qual as emoções se tornam absolutas. Pior ainda é a exploração emocional, o arranjo calculado de certos factores psicológicos que fazem as pessoas "sentirem-se" melhor. O nosso alvo deve consistir antes em "ser" melhores.

A religião bíblica experimental é a confirmação íntima, profunda, de uma relação pessoal com o Senhor. A indulgência emotiva é o toque deliberado das cordas emocionais *por amor* às emoções.

A primeira é permanente; a segunda, passageira.

Actualmente, dá-se muita importância às emoções—nos programas de televisão, teatro, literatura e todas as formas de distração. O homem aborrece-se quando é obrigado a reflectir—ou pensa que sim. A verdade é que se aborrece de todas as maneiras. Tudo que deseja é distrair-se e satisfazer as suas emoções.

Infelizmente, esta falta de equilíbrio também se manifesta na vida religiosa. Se a religião não lhe dá um "escape" emocional troca-a por outra que o fará.

É muito fácil para a igreja cair no erro de procurar satisfazer de modo superficial a fome emotiva do homem. A adoração fica adulterada quando com ela só se pretende suprir essa "necessidade", pondo-a em prática unicamente para dar aos crentes o que eles crêem que desejam—um simples escape emocional.

A pregação do evangelho avilta-se quando a Palavra de Deus—que é a que melhor serve à razão e experiência humanas—é substituída, segundo Bonhoeffer, por "observações eclesiais marginais acerca de acontecimentos contemporâneos . . . repetição de ilustrações edificantes . . . descrições bem intencionadas de experiências religiosas pessoais, as quais não possuem qualquer carácter vinculativo".

Também a música religiosa, como parte muito importante da re-



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

ligião, perde profundidade e poder quando se destina a comunicar uma disposição emocional como um fim em si mesmo, sem uma mensagem cristã sólida; quando realça mais a actuação que a participação; quando atrai para si mesma em vez de conduzir o homem a Cristo.

A indulgência emocional produz consequências negativas na vida diária do crente imaturo cuja fé está baseada em sentimentos em lugar de factos. Vive constantemente no "vale da depressão" e raramente nas "alturas espirituais". A sua vida não é de comunhão contínua com a Palavra de Deus. A sua ética flutua com as emoções.

Então, haverá lugar na religião para a experiência? Sim. Conhecimento pessoal e certeza são imperativos.

De facto, a razão pela qual se dá tanta importância à experiência em si mesma, é precisamente porque na prática religiosa de muitas pessoas e igrejas, falta essa vital e transformadora relação com Cristo.

As expressões emocionais também têm o seu lugar. São desejáveis, mas não devem ser preponderantes na vida cristã, à custa das Escrituras, da razão e da igreja. Tal atitude produz crentes superficiais, neuróticos e confusos.

Não se pode dar prioridade às simples experiências religiosas, sem se converterem em ídolos. Quando isto acontece, Deus, a Bíblia e o carácter cristão são sacrificados no altar do sensacional ou fenomenal. A adoração converte-se, quando muito, numa "celebração religiosa respeitável, auto-complacente e auto-satisfatória". □

**"Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (João 1:12).
"Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto . . . (Romanos 6:22).**

SERVOS OU FILHOS?

—Manuel Cantú Sada

Uma das coisas que dão maior satisfação ao homem é servir, ser capaz de participar em algo na sociedade em que vive, contribuir para o crescimento do seu povo. Se agora podemos admirar belas cidades e tantas coisas maravilhosas que há nelas, é devido ao patrocínio de pessoas capacitadas, desejosas de servir, que, preparadas em diferentes ramos da ciência, conseguiram o progresso dos povos.

Que satisfação imensa é servir a comunidade em que se vive! Podemos mencionar, como exemplo de dedicação ao serviço da sociedade, médicos, enfermeiras, professores e investigadores que passam anos e anos à procura de novos medicamentos para aliviar o sofrimento humano. São verdadeiros servidores da humanidade.

Mas temos considerado Aquele que verdadeiramente nos serve? Refiro-me a Quem devemos a vida e tudo que Ele colocou ao nosso alcance. Até a própria natureza se encontra à nossa disposição para nos servirmos dela—o sol, as águas, o ar.

A Bíblia ensina que o pecado se apoderou dos corações e os separou de Deus (Romanos 3:23). No primeiro capítulo de Isaías vemos como o homem pecador está chagado desde a planta dos pés até à cabeça; mas, mesmo assim, Deus continua a prodigalizar misericórdia (Lamentações 3:22).

Na plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados, para obter a nossa reconciliação, para estabelecer o Seu reino na terra, com poder e glória, e, da gente perdida e pecadora, fazer um povo santo. Em João 1:12 lemos que aos que crêem no nome de Jesus Cristo, lhes foi dado poder de serem feitos filhos de Deus. Aos redimidos, já como filhos, prodigaliza abundantes riquezas espirituais (alegria, paz, benignidade, mansidão, etc.).

Que podemos considerar mais glorioso: ser feitos filhos de Deus ou Seus servos? Não podem os filhos ser considerados privilegiados e deixar o trabalho aos servos?

Se houvesse filhos e servos, e fossem pessoas diferentes, quem amaria mais o Pai? Quem estaria mais interessado na prosperidade do Seu povo? Sem dúvida que seriam os filhos. Podemos considerar-nos como tendo duplo privilégio e dupla bênção: uma, ser feitos filhos de Deus, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; e outra, ser servos de Deus, amantes da Sua obra e coadjutores do Senhor Jesus Cristo.

Amemos com alegria Aquele que nos amou, que nos deu a vida, que nos concedeu um Libertador do pecado—em Quem temos vida espiritual—e que nos espera no reino celestial. □



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

UMA MULHER



✓ **Maria Madalena e Maria de Betânia eram a mesma pessoa? A mulher pecadora que ungiu os pés de Jesus, registada em Lucas 7:36-50, é a mesma Maria de Betânia, irmã de Marta, apresentada por Mateus, Marcos e João na última semana antes da crucificação?**

J. H. Bernard, que escreveu um dos grandes comentários sobre João, assegura que ambos os casos se referem à mesma mulher. Crê que Maria Madalena era a irmã de Lázaro e Marta; e que Cristo a resgatara de uma vida pecaminosa.

Por isso, ele afirma que houve duas ocasiões em que Jesus foi ungido, mas que se trata da mesma mulher. Lucas menciona a primeira unção em que uma mulher anónima, cujos pecados Cristo perdoara, regou os pés do Senhor com lágrimas de penitência e gratidão. Secou-os com o próprio cabelo e ungiu-os com perfume. Segundo João, Maria ungiu os pés de Jesus e os secou com o seu cabelo.

Alguns apoiam a posição de Bernard alegando que Maria de Betânia se preocupava com a próxima morte e sepultura de Cristo (João 12:7); mas nada lemos acerca da sua presença na cerimónia do enterro. Por outro lado, sabemos que Maria Madalena se encontrava junto à cruz e no momento da sepultura.

Não podemos afirmar nada com certeza. Outros comentaristas não concordam com Bernard. Se as duas Marias eram a mesma pessoa, então a mulher anónima do Evangelho de Lucas, talvez fosse outra mulher. O mais provável é que tenha havido duas unções por duas mulheres diferentes. Mas ambas as narrativas nos desafiam a perguntar-nos se mostramos amor pelo Senhor, pelo perdão dos nossos pecados, de maneira custosa.

✓ **Não compreendo as palavras de Cristo em Marcos 4:12 —“Para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles”. Outros versículos dizem que aquele que confessa e deixa o pecado é perdoado.**

Este versículo dá a entender, aparentemente, que Cristo ensinou por meio de parábolas, para que a gente não compreendesse nem se convertesse. No entanto, vários eruditos do Novo Testamento insistem em que a primeira palavra do versículo —*ina* em grego (“para que” em português) —deve compreender-se como “introdução de uma referência”, isto é, para introduzir uma citação do Velho Testamento. O sentido do versículo seria: “Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías . . .”

O versículo 11 diz: “Tudo se ensina por meio de parábolas”. Refere-se a todo o ministério de Cristo, tanto às Suas palavras como às Suas obras. As Suas acções e palavras eram parábolas, revelações do reino de Deus, que uns aceitavam e outros rejeitavam. Os que rejeitaram, fizeram-no por serem cegos e surdos de espírito— e assim se cumpriram as palavras de Isaías 6:9-10.

✓ **Sou membro da Igreja do Nazareno e gosto**

muito de estudar a Bíblia. Alguns dos membros da igreja a que pertencço pensam que estou equivocando na minha crença a respeito do dízimo. Creio que a lei de Deus é mais importante que as regras da igreja e aceito só a Bíblia como resposta às minhas perguntas.

Eis por que creio que o dízimo não se aplica aos cristãos contemporâneos:

1. **O dízimo foi instituído como lei para os judeus: Levítico 27:30-32; Números 18:26, 28; Deuterónimo 14:28-29; Hebreus 7:5; Lucas 11:42.**

2. **A lei foi superada ou cumprida pela morte de Cristo: Mateus 5:17-18; Romanos 6:14; Gálatas 3:24-25; Colossenses 2:14-17.**

3. **Os apóstolos deram liberalmente: Mateus 10:8; II Coríntios 9:7.**

4. **De acordo com a Enciclopédia Britânica, nem os apóstolos nem os cristãos da igreja primitiva praticavam o dízimo. Só cinco séculos depois, no Concílio de Tours, é que se iniciou esta prática na igreja.**

Creio que, uma vez que o dízimo era parte da lei, e toda a lei foi cumprida por Cristo, o dízimo não se deve praticar. As ofertas alçadas devem substituí-lo (Mateus 10:8). Devemos ter fé de que Deus suprirá as nossas necessidades. Em quem se deve ter fé, em Deus ou no homem?

Penso que em parte tem razão, mas que também está equivocado.

O dízimo foi instituído como parte da lei e esta foi cumprida por Cristo. Os apóstolos deram liberalmente e o mesmo devemos nós fazer.

Mas também é certo que o dízimo já era praticado antes de ser incluído na lei dada por intermédio de Moisés (Gênesis 14:17-20; 28:20-22).

Além disso, os cristãos também cumprimos outras partes da lei como amar a Deus e ao próximo, não roubar, não mentir, não matar, etc. O argumento de que algo não se deve praticar hoje, porque foi parte da lei que Cristo cumpriu e superou, não tem peso suficiente.

Também é certo que o dízimo se pode dar liberal e alegremente. Os nazarenos não devem dar o dízimo como esforço para ganhar a aprovação divina, isto é, como boas obras. Somos salvos pela fé em Cristo, não por cumprir leis. Os nazarenos devem dar liberalmente, seja o dízimo ou mais, motivados por profunda gratidão a Deus pelo perdão outorgado e pelo desejo de fazer que a obra do Senhor avance.

O dízimo não é sinal de falta de fé em que Deus suprirá as nossas necessidades. Pelo contrário, pode ser a demonstração do nosso amor e agradecimento a Deus por ter suprido as nossas necessidades, e a afirmação de fé de que o continuará a fazer.

Uma vez que você “só aceita a Bíblia” como resposta às suas perguntas e dúvidas, não prolongo a minha resposta referindo-me ao artigo da enciclopédia que citou.

Que Deus o abençoe e a todos os nossos crentes fiéis que estudam a Bíblia! □



Dê a sua revista favorita a seus amigos favoritos

O ARAUTO DA SANTIDADE

Preencha, recorte e envie à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES

Nome _____
Endereço _____

Nome _____
Endereço _____

Nome _____
Endereço _____

Nome _____
Endereço _____

E.U.A.
P.O. Box 527
Kansas City, Missouri 64141

BRASIL
C.P. 1008
13.100-CAMPINAS, SP

CABO VERDE
C.P. 60
Mindelo, S. Vicente

PORTUGAL
R. Castilho, 209, 5º. E.
Lisboa 1

Assinatura anual—24 números—US\$2.00